

A PRESENÇA DE WALTER SCOTT E JULES MICHELET NO ROMANCE HISTÓRICO DE ALEXANDRE DUMAS

Dra. Maria Lúcia Dias Mendes¹

Resumo:

Assim como para outros românticos, a História se tornou um dos temas preferidos de Alexandre Dumas. A partir da leitura das obras de Walter Scott (muito em voga na França romântica) e das obras do historiador Jules Michelet, Dumas engendra o seu estilo de romance histórico que, publicado em folhetins, tornou-se um grande sucesso.

Palavras-chave: Alexandre Dumas, romance histórico, romantismo francês, Walter Scott, Jules Michelet.

A História, para os românticos, era a lente preferida para compreender o mundo.

Fruto de um grande acontecimento histórico que transformou a vida de todas as populações européias e de além mar – a Revolução Francesa de 1789 – o romantismo era a expressão de uma geração que não acreditava mais em valores absolutos, que se propunha a construir a sua visão de mundo levando em conta a transitoriedade e as limitações históricas. Ao buscar novas maneiras de exprimir suas concepções de arte e de vida, pensavam a *raison d'être* da sua própria cultura, viam-se como herdeiros e descendentes de épocas anteriores, procurando rememorá-las como um passado vivido (HAUSER, 1982, p.826 v. II e ARIËS, 1989, p. 213).

O interesse pela História vinha ao encontro do novo perfil do leitor. Após a Revolução Francesa e a instituição do ensino laico e obrigatório, há um aumento do número de leitores e uma conseqüente mudança de interesse: o público do classicismo, afeito às discussões sobre poéticas, de gosto refinado, conhecedor das novidades na Arte, torna-se um público burguês, sem formação literária, em busca, sobretudo, de uma forma de lazer (WITTMANN, 1987, p. 364).

Tanto para o público quanto para os escritores, a História mostra-se um repertório mais do que atraente, substituindo, no interior das produções literárias, os temas mais intelectualizados, como as poéticas e as questões sobre universalizações românticas que continuam, ainda, sendo tratados em revistas literárias. Além disso, o uso de temas históricos em obras de Arte literária, pictórica ou cênica, sempre permite ao autor refletir sobre sua própria época, tecendo paralelos entre o período retratado e o presente.

Os primeiros gêneros a apresentarem a História como pano de fundo para a narrativa foram o romance gótico pré-romântico e o romance de aventuras. Usada como *couleur locale*, a história proporcionava um tom diferente, reforçando o gosto pelo exótico em enredos que pouco primavam pela originalidade – pois “[...] o mistério lucra com o recurso a outras eras e lugares” (MELLO E SOUSA, 1993, p. 118).

O chamado romance histórico ¹ tem origem nos primeiros anos do século XIX, mais ou menos na época da queda de Napoleão Bonaparte. Antes, mesmo que o tema de uma obra literária fosse histórico, a História era apenas um *décor*: a escolha da época não influenciava na composição

¹ Ainda não se pode tratar o romance histórico de Scott como um gênero específico, pois, nesta época, nem mesmo o romance era visto como tal – o que só aconteceu após a obra de Stendhal e de Balzac, que, de certa maneira, formalizaram as regras do gênero. Ver: RAIMOND, 1969, p. 31.

psicológica das personagens e dos costumes. A composição refletia as idéias e as maneiras características do tempo do escritor.²

Entretanto, apenas com Walter Scott (1771-1832), o romance vai ambicionar recriar épocas e mundos; tomando para si a tarefa de demonstrar, por meios artísticos, que as circunstâncias e as personagens históricas existiram de certa maneira. Esse recurso é o que Scott chama de “autenticidade da cor local” e Lukács define como “demonstração artística da realidade histórica” (LUKACS, 1965, p. 45).

Sensível aos ares românticos, Alexandre Dumas não resistiu aos ventos que sopravam em direção à História: rapidamente incorporou os temas históricos ao seu repertório. À sua maneira.

Apesar de ter respondido aos seus contemporâneos que reprovavam o tratamento que dava à História: “*L'Histoire n'est jamais qu'un clou auquel j'accroche mes romans*”, em sua obra *Mes mémoires* demonstra ter pensado muito mais sobre o seu *métier* do que poderiam imaginar seus críticos.

Mes mémoires é uma obra memorialística, escrita de 1847-1855, em que Dumas se propõe não apenas a narrar a sua vida – o que nesse caso inclui a recriação de cenas vividas pelo autor ou não – mas também escrever o que ele chama de “as memórias da França” dos românticos.

Em uma longa cena recriada em suas memórias sob a forma de um diálogo, o jovem Alexandre, recém chegado a Paris, é aconselhado por Lassagne, seu colega de trabalho, a ler muito. Diante da imensa lista de autores citados, entre clássicos e contemporâneos, Dumas depara-se com a sua ignorância.

O primeiro conselho dado por Lassagne ao aspirante a literato é que é necessário estudar os grandes autores não para imitá-los, mas para compreender o seu estilo. Devem ser lidos os autores teatrais, alguns poucos contemporâneos, e a maioria autores consagrados pela tradição, como Shakespeare, Ésquilo, Goethe, Corneille, Racine.

Entre os romancistas, Lassagne recomenda a leitura principalmente de *Wilhelm Maister* de Goethe (“*que vous donnera la poésie*”), *Ivanhoé* de Walter Scott (“*l'étude des caractères*”) e *L'Espion* de Cooper (“*La mystérieuse grandeur de les prairies, des forêts et des océans*”). Entretanto, em nenhum deles, segundo Lassagne, o jovem encontraria paixão.

O último conselho vem sob a forma de uma afirmação: a França “[...] *attend le roman historique*”. Ao ouvir a resposta do jovem, (“*L’histoire de la France est ennuyeuse!*”), recomenda-lhe a leitura de uma série de memorialistas, e não de historiadores.

E é pela leitura de memorialistas – portanto um olhar pessoal da História – que Alexandre Dumas, a partir de 1825, entra em contato com a História, fazendo eco com a voga de publicações de memórias na França de então. Essas memórias, lidas indiscriminadamente, sem o distanciamento que se faz atualmente entre Memória e História, forneceram um repertório de fatos e narrativas se tornaram, nas mãos do romancista, dramas românticos e romances folhetins: pura ficção.

A História deu a Alexandre Dumas o seu primeiro sucesso, o drama romântico *Henri III e sa cour* (1829), baseado no curto e controvertido reinado de Henri de Valois na França. Mas foi apenas em 1831, para atender aos pedidos de artigos para M.Buloz publicar na *Revue des Deux Mondes*, que Dumas começou a escrever as *Scènes historiques (Chroniques de la France)*, sua primeira narrativa cujo tema era histórico, motivado pela leitura de Walter Scott e da obra *Histoire des ducs de Bourgogne* (1824-1828) do historiador Barante.

“*Pour la première fois, un historien français laissait à la chronique tout son pittoresque, à la légende toute sa naïveté*” (DUMAS, 1989, p. 696, t. I). Dumas havia sido tocado não apenas pelo

² Podemos citar *La princesse de Clèves*, de Mme. de Lafayette (1678) na França, dentre outros.

tema histórico, mas havia pressentido uma nova maneira de apresentá-lo. E, como escreve em *Mes mémoires*, mesmo sem saber exatamente o que estava engendrando – Dumas chama as narrativas de *scènes* – percebe que elas estão no meio do caminho entre o romance e o drama e que ressaltam as suas principais qualidades literárias: a narração e os diálogos (DUMAS, 1989, p. 696-7, t. I). Iniciava o percurso para a criação do romance histórico dumasiano, tendo como principais influências: Walter Scott e Prosper Brugière, Baron de Barante (representando a geração dos historiadores românticos franceses).

A primeira obra que Dumas leu do *barde écossais* foi *Ivanhoé*. Walter Scott lhe pareceu um pouco rude, à primeira vista. Entretanto, assim que o autor começa a descrever os espaços e as personagens, Dumas percebe a magia escondida naquelas palavras, consegue vislumbrar outros horizontes, além daqueles que já conhecia.

Apesar de não poder ser considerado o fundador do romance histórico, Scott é o primeiro a estabelecer o prestígio do gênero, tomando como assunto a história social e tratando-a de acordo com o ponto de vista científico da elite intelectual da época. Por mais conservador que fosse em política, o seu “método sociológico” não poderia ser concebido sem as transformações que a Revolução Francesa trouxera: suas personagens têm sempre a marca da sua origem social, mas a descrição que faz do povo é, em geral, convencional e esquemática. (LUKACS, 1968, p. 48) Walter Scott conseguiu criar uma interação entre a personagem e o momento histórico ao qual ela pertence, transformando a História, antes puro *décor*, em causadora de especificidades nos caracteres das personagens. Pretendendo criar um *tableau de l’ Histoire animée*, o autor mistura os conflitos internos das personagens aos conflitos históricos – reais – nos quais elas estão envolvidas (RAIMOND, 1969, p. 20).

Dumas estudou e analisou as narrativas de Scott com muito cuidado. Percebeu que, apesar de possuir algumas qualidades desejáveis (tais como: oferecer uma nova visão do romance e uma maneira interessante de fazer a “*peinture des mœurs*”), não conseguia em suas intrigas alcançar a dramaticidade esperada. É interessante notar que, ao criticar Scott, Dumas articula o que seria a sua própria técnica de romance histórico: buscar a fidelidade de representação dos hábitos, costumes e do espírito da época tratada e usar diálogos mais ágeis e paixões mais reais.

A História tende a exigir mais nuances, mais ambigüidades do que estaria acostumado o leitor de romances folhetins. Então, Dumas soma a esta lição recebida de Scott as artimanhas de excelente dramaturgo que é: dá vida aos acontecimentos criando personagens secundárias que agem na História, buscando segredos de alcova, mexericos de outros tempos, enfim, recriando a atmosfera da época retratada.

Ao criticar Scott, o francês talvez não tenha percebido que, de certo modo, as motivações do escocês eram diferentes das suas. Walter Scott inseria-se em um movimento que, desde o final do século XVIII, provocava, em alguns países europeus, um grande interesse em pesquisar tradições populares e recriá-las. Assim, antes de escrever *Ivanhoé*, seu romance histórico mais aclamado, pesquisara baladas e tradições da Escócia, no intuito de contribuir para com a preservação da história de sua terra natal, que estava se dissolvendo e se misturando à da Inglaterra (BURKE, 1989, p.43).

Dumas, por mais que dissesse que “[...] *notre prétention en faisant du roman historique est non seulement d’amuser une classe de nos lecteurs qui sait mais d’instruire une autre qui ne sait pas*” (DUMAS, 1989, p. 1235, t. II), ficava muito distante do nacionalismo que movia o “bardo escocês”. Escrevia na França, em uma **nação** – conceito que a Revolução Francesa criara e difundira pelo mundo – embalada por uma segunda revolução vitoriosa (a de 1830), em que a arte e a política unem-se em busca de uma arte “para o bem da humanidade”. Na década de 1840, já não era mais uma questão de afirmação ou legitimação política e artística (como talvez tivesse sido nos primeiros tempos do romantismo, com as primeiras obras do drama romântico), mas sim de um

romantismo mais bem comportado, “um romantismo de salão elegante”.³ O romance histórico que conquistou o público leitor europeu a partir da segunda metade do século XIX, não ofendia o sentimento patriótico, mas não tinha mais nenhuma intenção de promover o nacionalismo.

Além disso, a visão de Dumas do romance histórico – a necessidade de paixão nos dramas – só era possível para alguém que se nortearia pelos princípios do drama romântico, que fosse hábil o bastante com o tratamento das personagens e dos diálogos. Entretanto, apesar da sua consciência, diga-se assim, da limitação da obra de Scott, muitos defendem que Dumas teria caído na mesma armadilha, criando, muitas vezes, personagens sem profundidade, extremamente servís aos seus enredos cheios de peripécias.

Para o público da época, nada disso parecia desqualificar o autor. O sucesso de *Ivanhoé* (publicado em 1819) tornará Walter Scott o autor da moda e os seus romances históricos, o grande sucesso da Restauração (décadas de 1820 a 1830). É este sucesso que fará com que a técnica de Scott provoque mudanças tanto na literatura quanto na historiografia de sua época.

Para os historiadores do romantismo, o romance histórico revelava uma técnica que já lhes era sugerida pelas fontes que começavam a ser tratadas. O discurso ficcional apresentava os meios literários que possibilitavam uma ressurreição do passado, mostrando como as massas de homens, existências distintas, poderiam ser representadas, recriando uma época em seus detalhes. “*Au travers du croisement dramatique d’une série de destins individuels, le roman historique parvient à mettre en scène un jeu de forces collectives*” (GAUCHET, 1997, p. 812).

A leitura feita por esses historiadores da obra de Scott provocou mudanças estruturais na narrativa historiográfica, aproximando-a da literária: uma dupla descoberta, da História pela Literatura, da Literatura pela História (GAUCHET, 1997, p. 810).

Para Dumas, a leitura das obras produzidas por historiadores contemporâneos mostrou-lhe a poesia que havia na História da França e nunca havia sido devidamente explorada. Em suas memórias, Dumas descreve o momento em que cada uma das obras cruciais para a historiografia do período entrou em sua vida e as mudanças provocadas em sua obra. Prosper de Barante, Louis Blanc, Louis Adolphe Thiers, Augustin Thierry e sobretudo Jules Michelet, têm suas obras principais apresentadas, analisadas e comentadas – algumas vezes até declaradamente copiadas – e passam a fazer parte do repertório e da vida do autor.

Nesta plêiade, a estrela maior é certamente Jules Michelet (1798-1874).

Para Michelet, sensibilidade deve nortear os trabalhos da escrita da História. Munido de vasta pesquisa em arquivos (foi chefe da divisão histórica dos Arquivos Nacionais de Paris), procurava **ressuscitar** as vidas das pessoas de outras épocas, recompondo personalidades, cenas e acontecimentos. Ao escrever, recuperava as emoções que aqueles acontecimentos provocaram, misturando-as às suas próprias emoções, refletidas em seu estilo muito próximo dos literatos românticos.

Acreditando que o historiador deveria produzir uma síntese entre o fato histórico e a sua vivência, Michelet vai criando uma espécie de método, que provocará reações contraditórias: aos olhos dos historiadores futuros, este envolvimento será o seu maior pecado; aos olhos dos seus contemporâneos, o seu maior trunfo.

Os procedimentos utilizados por Michelet – um método pessoal de tratar os documentos e fatos históricos – podem ser facilmente tomados por aqueles usados pelos escritores de ficção, pois sua escritura, completamente envolvida pelo espírito romântico, se aproximava das recriações dos romances históricos (muito criticados por ele). Em suas obras, estão lado a lado a extrema

³ As duas expressões são de Arnold HAUSER, 1982, p. 829. Ainda sobre o assunto ver: Eric J. HOBBSBAWM, 2001, p. 288 et seq..

capacidade de trabalhar arquivos e fontes (de uma maneira inovadora, que propunha a integração da História com a Filosofia, as Artes e outros campos do conhecimento) e uma leitura que, de tão sensibilizada, acabava produzindo uma visão completamente tendenciosa.

Para Dumas, as obras de Michelet tornam-se referências, fontes privilegiadas de pesquisa, nas quais encontra as informações necessárias para recriar as personagens históricas e o clima da época a ser retratada. Mas é sobretudo na maneira sensível que Michelet constrói a sua narrativa que Dumas encontra a poesia que os acontecimentos históricos pode proporcionar à sua alma romântica. A harmonia entre o uso da documentação e a escritura que provocam em Dumas a mais profunda admiração por Michelet.

Pois Michelet cria em suas obras uma História impregnada de sentimento, de lirismo, de literatura, mesmo que não ceda à tentação do romance. A Dumas, o que importa é a literatura: a ficção romanesca. Contudo, a sedução da História está lá, como a da literatura estava para Michelet. As fronteiras entre as duas disciplinas são fluidas e, neste momento, constantemente ultrapassadas.

Neste momento, História e Literatura estão delimitando o seu campo de atuação e seus procedimentos, em busca de uma metodologia, de sua especificidade. Alexandre Dumas se apropria da visão de História de Jules Michelet, carregada de emoção, para compor o que seria a sua maneira de ver a História.

A Dumas interessa a reprodução narrativa da História, não a sua reprodução fiel. Talvez o melhor seria dizer reelaboração, reconstrução ou recriação. O que ele pretende é recriar o acontecimento, inserindo-o em uma teia de relações, desencadeando uma série de reações que são recuperadas, para que se compreenda a sua dimensão.

Seguindo o fluxo e as necessidades internas da narrativa em busca de um efeito dramático, sacrifica a verdade cronológica e, às vezes, a verossimilhança. Aproxima acontecimentos afastados no tempo, faz seus heróis cumprirem em um ano o que só teria sido possível em dois ou três. Não se interessa em reproduzir exatamente os detalhes da História; interessa-lhe capturar o espírito, penetrar na vida quotidiana de uma época, recriando para seus leitores os acontecimentos passados e as impressões que estes acontecimentos causaram nas personagens que viveram realmente ou que foram criadas.

Construindo desta forma as personagens históricas, preenchendo as lacunas quotidianas que aproximam personagens e leitores, Alexandre Dumas abre novas possibilidades para compreendê-las: propõe outro olhar sobre História. Sua **reconstrução** – no sentido a que se propõe, sem o comprometimento com a veracidade – permite **ressuscitar** as personagens históricas criando para o leitor uma personagem completa: expõe sentimentos e frustrações, tirando partido do anacronismo para atualizá-los.

Alexandre Dumas não tem segue um projeto historiográfico definido, diz que, ao escrever romances históricos almeja alcançar dois objetivos: instruir e divertir. O certo é que transforma a História em espetáculo: corta os acontecimentos em cenas e diálogos, escreve cada cena indicada como uma cena teatral, com *coups de théâtre*, efeitos de surpresa, violência ou cômicos. Cada personagem adquire expressão – um pouco caricatural – que lhe dá uma vivacidade criando a ilusão de real. Tudo ou quase tudo em sua narrativa está na ação. A reflexão é breve, as descrições dão um pouco de movimento e realidade às tomadas históricas, pois todos os recursos desdobram-se para atender as peripécias do enredo.

Cria um mundo ficcional, ligado aos fatos históricos apenas por frágeis cordões. Não permite que o leitor caia na armadilha da ilusão histórica, que perca o referencial de sua época: Dumas constrói um narrador que transita entre as duas época, delimitando para o leitor o passado – recriado pela ficção – e o presente – tempo histórico em que o leitor e o narrador estão.

Sem nunca ter sido levado a sério por historiadores (seus contemporâneos ou não) Dumas consegue envolver as suas narrativas em uma espécie de verdade histórica, nas quais o leitor entra em contato com aspectos do passado de uma forma que só é possível através da ficção.

Tomando as liberdades necessárias para a criação de suas obras que tratam da História, Dumas dá continuidade ao percurso de vulgarização do saber historiográfico iniciado nos anos de 1830, com a publicação (e grande aceitação do público) das obras de Barante, Thiers, Thierry e depois com Michelet. Com os seus romances históricos, não só há a propagação do conhecimento como também é criado o imaginário que permite ao leitor ver o passado com outro olhar: o da imaginação.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *O tempo da História*, trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Francisco Alves, 1989.

ARROUS, Michel (dir.). *Dumas, une lecture de l'Histoire*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2002.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUMAS, Alexandre. *Le comte de Moret*; chap. VII, note; apud Claude SCHOPP et Dominique FRÉMY. “Quid de Dumas”. In _____. *Mes mémoires*. Paris: Robert Laffont, 2 vol., 1989, p. 1235, t. II.

DUMAS, Alexandre. *Mes mémoires*. Paris: Robert Laffont, 2 vol., 1989.

GAUCHET, Michel. “Les *Lettres sur l'Histoire de France* d'Augustin Thierry: L'alliance austère du patriotisme et de la science. In NORA, Pierre (direction). *Les lieux de la mémoire. La République. La Nation. Les France*. Paris: Gallimard, p.787-850, 1997.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*, trad. Walter Geenem. São Paulo: Mestre Jou, v. II, 1982.

HOBSBAWM, Eric J.. *A era das Revoluções: Europa 1789 – 1848*, trad. Maria Thereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

LUKACS, George. *Le roman historique*, trad. Robert Saille. Paris: Payot, 1965.

MAUROIS, André. *Les trois Dumas*. Paris: Hachette, 1957.

MELLO E SOUSA, Antonio Candido. “Sob o signo do folhetim: Teixeira da Silva”. In _____. *Formação da literatura brasileira*, v. II (1836-1888), Belo Horizonte: Itatiaia, p. 118- 128, 1993.

MICHELET, Jules. *Journal*. Texte integral, établi sur les manuscrits autographes et publié pour la première fois, avec une introduction, des notes et de nombreux documents inédits par Paul Villaneix. Paris: Gallimard, t. I (1828-1848), 1951.

RAIMOND, Michel. *Le roman depuis la Révolution*. Paris: Armand Colin, 1969.

SCOTT, Sir Walter. *Ivanhoé: romance histórico*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905.

WITTMANN, Reinhard. “Une révolution de la lecture á la fin du XVIII^e siècle?”. In CHARTIER, Roger. *Lectures et lecteurs dans la France du Ancien Régime*. Paris: Seuil, p. 353-391, 1987.

¹ **Maria Lúcia Dias Mendes**, doutora em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: mldm@uol.com.br